

Opressão do povo curdo e a sua luta pela educação: um futuro de mudança social

Catalina Fernández Peña

Universidad de Málaga
<https://orcid.org/0009-0000-6672-3576>
0617574883@alu.uma.es

José Sánchez Jiménez

Universidad de Málaga
<https://orcid.org/0009-0006-0415-0948>
josesanz@uma.es

RESUMO

Ao longo da história, houve muitos povos que foram submetidos aos ditames dos mais fortes. Um deles é o povo curdo, a quem foi anulada a sua língua, os seus costumes, a sua cultura e sistematicamente roubadas todas as suas riquezas e recursos naturais, que foram saqueados pelos mais fortes. Perguntamo-nos como é possível conceber um sistema educativo num povo que vive em campos de refugiados e que passa a maior parte do tempo sob o ruído das bombas e da morte. É inacreditável que não sejam obrigados a seguir a educação na língua do Estado em que vivem, são obrigados a continuar com um trabalho educativo na luta clandestina para que a sua cultura, língua e tradições não se percam. Iniciativas sociais como a de Rojava, promovida por mulheres curdas do norte da Síria, são uma boa forma de acabar com o seu isolamento e anulação enquanto povo. É um modelo de coexistência multicultural e multilingue com o qual podemos aprender e transferir para os nossos sistemas educativos capitalistas ocidentais.

Palavras-chave: Educação, Língua materna, Curdos, Revolução, Opressão, Multiculturalismo, Multilinguismo, Mulheres, Autogoverno, Capitalismo, Aculturação

La opresión del pueblo kurdo y su lucha por la educación: un futuro de cambios sociales

RESUMEN

A lo largo de la historia han existido numerosos pueblos que han estado sometidos a los dictámenes del más fuerte. Uno de ellos es el pueblo kurdo que ha sido anulado como tal por distintas civilizaciones. El abuso de poder que han ejercido sobre los kurdos se ha visto reflejado en la prohibición del uso de su lengua, sus costumbres, su cultura y el robo sistemático de todas sus riquezas y recursos naturales, que han sido saqueados por el más fuerte. Nos preguntamos cómo es posible diseñar un sistema educativo en un pueblo que vive en campos de refugiados y que están la mayor parte del tiempo bajo el ruido de las bombas y la muerte. Es increíble impartir clases en escuelas con recursos materiales y humanos tan precarios, teniendo en cuenta que los Estados opresores les obligan a seguir la educación en la lengua del estado en el que viven, se ven obligados y obligadas a continuar con una labor

educativa en la clandestinidad luchando para que su cultura, lengua y tradiciones no se pierda. Por lo que iniciativas sociales como la que se realizó en Rojava, impulsadas por las mujeres kurdas en el norte de Siria es una buena manera de acabar con su aislamiento y anulación como pueblo. Sirviendo como modelo de convivencia multicultural y multilingüe del cual podemos aprender y trasladar a nuestros sistemas educativos occidentales capitalistas.

Palabras clave: Educación, Lengua Materna, Kurdos, Revolución, Opresión, Multiculturalismo, Multilingüismo, Mujer, Autogestión, Capitalismo, Aculturación

The oppression of the Kurdish people and their fight for education: a future of social change

ABSTRACT

Throughout history there have been numerous nations that have been subdued by the dictatorship of those who are stronger. One of these nations is the Kurdish people which has been nullified by such civilisations. The abuse of power they have applied on the Kurdish has been reflected in the prohibition of their language, their traditions, their culture and the systematic theft of all of their wealth and natural resources, which have been stolen by those who are stronger. We ask ourselves how it is possible to design an educational system in a village that lives in refugee camps and that most of the time is under the sound of bombs and death. It is unbelievable to give lectures at schools with such precarious material and human resources, keeping in mind that the oppressive states force them to keep learning in the language of the state they live in, they are obligated to continue with educational work in secrecy while fighting not to lose their culture, language and traditions. Because of this, social initiatives such as the one that took place in Rojava, driven by the Kurdish women in the north of Syria, are a great way to end their isolation and annulment as a nation. Serving as a model of multicultural and multilingual cohabitation from which we can learn and bring to our capitalistic western educational systems.

Keywords: Education, Mother tongue, Kurdish, Revolutions, Oppression, Multiculturalism, Multilingualism, Women, Self government, Capitalism, Acculturation

INTRODUÇÃO

A atual cobertura noticiosa do beijo não consentido do presidente da Real Federação Espanhola de Futebol a um dos seus jogadores é mais um exemplo do contínuo abuso de poder que os homens cometeram e continuam a cometer em toda a extensão do nosso país. Abusos de poder de homens sobre mulheres, abusos de poder de homens brancos ocidentais sobre outras comunidades menos desenvolvidas, abusos de poder sobre crianças e, no caso em apreço, abusos de poder sobre aldeias inteiras que ocorrem hoje em dia e que não recebem um milésimo da cobertura mediática que o caso de Rubiales e Jenni teve nos meios de comunicação social de todo o mundo.

Não vemos nos nossos jornais diários a subjugação sofrida pelo povo sarauí ou pelo povo curdo e não sabemos como vivem milhares de pessoas no século XXI, deslocadas das suas casas, cujas esperanças de ter uma vida de acordo com o desenvolvimento tecnológico, científico e social de que desfrutamos no mundo ocidental são completamente anuladas.

O povo curdo tem estado sob a soberania de todos os impérios desde a antiguidade até aos nossos dias e nunca conseguiu sentir-se livre e em paz. Outrora sujeito aos impérios persa, otomano e britânico, hoje o seu território está dividido entre vários países do Oriente e da Ásia, como o Irão, o Iraque, a Síria e a Turquia, que não lhes dão a independência que reclamam, sobretudo devido à grande riqueza em minerais e petróleo que as suas terras possuem. Assim, o povo curdo está a ser dominado, como tal, por potências estrangeiras mais poderosas que estão a pilhar os seus recursos naturais e não se importam com a vida da população curda.

Assim, perguntamos a nós próprios como é que se pode organizar a vida das pessoas nos campos de refugiados e nas aldeias com os escassos meios de que dispõem e, mais concretamente, como é que se pode organizar um sistema educativo numa região onde os ataques armados são frequentes e onde a pobreza, a falta de professores, de livros e de escolas são mais do que evidentes. O povo curdo foi proibido de receber educação na sua língua materna e foi submetido ao sistema educativo do Estado em que se encontra.

Assim, o nosso objetivo com estas linhas é conhecer um pouco melhor este povo e dar destaque a eles, que são invisíveis nos meios de comunicação social porque não é interessante ou rentável falar sobre eles.

CURDISTÃO

Os curdos são um grupo étnico e linguístico com uma cultura e uma história comuns que vive no Médio Oriente, nas planícies do nordeste da Mesopotâmia e nas zonas montanhosas entre as cadeias de Taurus e Zagros. A partir do século VII, sofreram invasões árabe-muçulmanas, mas conservaram alguma liberdade e mantiveram a sua língua e identidade. Foi no século XV que se começou a fragmentar, primeiro entre o Império Persa e o Império Otomano, embora com este último os curdos tenham continuado a manter alguma autonomia até ao século XIX, através do millets.

Após a Primeira Guerra Mundial, parecia ser possível um Curdistão independente com o Tratado de Sèvres, mas este nunca chegou a entrar em vigor devido à oposição dos nacionalistas turcos (Isla, 2019). Durante o desenvolvimento da guerra de independência turca, entre 1919 e 1922, os turcos pareciam apoiar o nacionalismo curdo, mas quando a sua república foi constituída e o Tratado de Lausanne foi reconhecido em 1923, onde o Curdistão foi dividido entre a Turquia, a Síria, o Irão e o Iraque, tudo mudou. Nessa altura, a utilização do curdo nas escolas, as publicações em língua curda e as associações curdas foram proibidas (Lemée, 2023). Apesar de ter uma grande representatividade dentro do Estado turco, para Lopez (2019) a população curda só tem sido alvo de decisões políticas restritivas e de um discurso público que nega a existência de minorias, entendendo que elas são um

empecilho para a consolidação do Estado turco, razão pela qual foram exercidas contra elas políticas de repressão às suas tradições e cultura. Considerando que a Turquia se constituiu como Estado em 1923, aos curdos poderia ter sido dada a possibilidade de terem um espaço onde se pudessem desenvolver como povo, mas o poder nacionalista turco eliminou essa possibilidade e perseguiu-os. O nacionalismo turco perseguiu todas as minorias que viviam na região, o que levou as elites curdas a iniciarem revoltas contra os turcos, que ainda hoje se mantêm, em maior ou menor grau.

Para melhor compreender a distribuição atual do Curdistão, apresentam-se em seguida os termos utilizados pelos curdos. O território no sudeste da Turquia chama-se Bakur (Curdistão do Norte), Rojava (Curdistão Ocidental) no norte da Síria, Bashur (Curdistão do Sul) no nordeste do Iraque e Rojhilat (Curdistão Oriental) no oeste do Irão. Todo este território foi objeto de constante subjugação e assimilação após o declínio dos impérios persa e otomano e pelos Estados em que se encontra dividido, o que favoreceu a emergência de sentimentos nacionalistas.

A LÍNGUA MATERNA

O direito à educação na língua materna, à sua utilização na esfera privada e pública, livremente e sem discriminação, é reconhecido por vários tratados internacionais, incluindo a Declaração sobre os Direitos das Pessoas Pertencentes a Minorias Nacionais ou Étnicas, Religiosas e Linguísticas adoptada pelas Nações Unidas (ONU, 1992), bem como a Convenção sobre os Direitos da Criança (ONU, 1989), que no seu artigo 30.º reconhece o direito à utilização da língua materna das crianças nos Estados onde existem minorias. No entanto, apesar de existirem várias convenções e tratados internacionais desde o final do século XX em que a proibição do uso da língua materna é considerada uma violação dos direitos humanos, esta tem sido utilizada durante séculos e continua a ser utilizada como um instrumento para restringir a liberdade de diferentes povos e, neste caso, do povo curdo.

As políticas dos Estados do Médio Oriente de negação, restrição e proibição da língua curda, juntamente com as políticas assimilacionistas e a violência contra a população curda, deram um maior impulso à mobilização política e social do nacionalismo curdo, que ao longo do tempo, e dependendo da região, variou entre o interesse em formar o seu próprio Estado, estabelecer uma autonomia administrativa ou contentar-se em obter o reconhecimento dos seus direitos culturais e linguísticos.

Estas políticas privaram e continuam a privar os curdos do direito de se exprimirem na sua própria língua, restringindo assim a sua identidade e cultura, mas serviram no discurso político como força de coesão social, tanto para os curdos do Curdistão como para os da diáspora curda, para lutarem pela preservação da sua cultura, língua e identidade.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) apoia a diversidade linguística e cultural, a luta pela sua preservação e a sua importância na educação (n.d.). Desta forma, aprovou a celebração do Dia Internacional da Língua Materna, que se comemora a 21 de fevereiro desde 2000. Este dia é aproveitado por vários grupos, como a Confederação das Comunidades de Mulheres do Curdistão ou a Rede de Língua e Cultura Curda, para levantar a voz e

exigir a libertação da sua língua, uma vez que a língua materna é um símbolo da identidade e da cultura do povo.

Nestas contradições, pode ser particularmente surpreendente que a Turquia, membro da UNESCO, faça o contrário e estipule que a única língua materna a ser ensinada nas escolas é o turco; embora abra a possibilidade de oferecer outras línguas como opcionais (República da Turquia, 1982), o que é ridículo e insuficiente, tendo em conta a realidade da sua população.

Como consequência de séculos de proibições contra a língua curda, a literatura também foi afetada. Com uma tradição oral muito forte, começou a surgir sob a forma escrita nos séculos XV e XVI (Akin, 2014). No entanto, não se desenvolveu muito devido ao costume de escrever obras em árabe, persa ou turco. Esta situação foi mais tarde agravada por várias restrições políticas após a Primeira Guerra Mundial e pela divisão do povo curdo entre vários países, o que obrigou os escritores curdos a utilizarem a língua em que viviam para escreverem as suas obras, fosse ela o árabe, o persa ou o turco.

Uma das obras escritas em curdo que se tornou mais célebre durante o século XX como origem do sentimento nacionalista foi a epopeia Mem û Zîn. No final desta obra, o seu autor, o poeta Ehmedê Xâni (1692), explica por que razão escreveu a sua obra em curdo:

Escolhi a nossa língua, ao contrário do costume até agora de escrever em árabe, persa ou turco, para que ninguém possa dizer que os curdos são ignorantes, que todos os povos têm livros exceto os curdos, para que ninguém possa dizer que os curdos não sabem escrever sobre o amor, que não sabem falar de filosofia. Os curdos não são um povo imaturo, não são ignorantes, são apenas um povo humilde, simples, que ainda não encontrou um líder com capacidade para os dirigir; um protetor que desenvolva as artes, a ciência, a filosofia, a poesia, a literatura, o misticismo e a teologia, os jornais informativos... Se tudo fosse dirigido por um líder com poder, a poesia curda acenaria no topo do universo. (p. 36, citado em Martorell, 2016)

Desta forma, descreveu a realidade da língua curda, que, infelizmente, não é muito diferente da realidade atual. Entre outras coisas, a população curda, em geral, tem dificuldade em aceder a recursos online devido à escassez de informação, recursos e publicações científicas na sua língua, podendo apenas recorrer a traduções de outras línguas (Aziz, 2023). Atualmente, a presença de uma língua na Web é bastante importante e isto pode ser utilizado como uma oportunidade e uma necessidade para aumentar a divulgação e a representação do curdo na Web.

A POPULAÇÃO CURDA NOS DIFERENTES TERRITÓRIOS

Não existem estatísticas oficiais na Turquia, pelo que, de acordo com as estimativas da Kurdish Foundation-Paris Institute (2017), a população curda é de cerca de 22 milhões, cerca de 26% da população total do país. É a maior população curda do mundo e continua a sofrer uma forte repressão, incluindo a proibição da língua curda. Após a construção da República, foi lançada uma grande estratégia política em que foram criadas instituições, publicados livros..., tudo para afirmar que todos

os habitantes da Turquia são turcos através da repressão cultural, da assimilação linguística e até da falsificação da sua história (Férez e Ala, 2023).

A Constituição turca (República da Turquia, 1982) estabelece que a língua de todo o Estado é o turco e, no artigo 42.º, direito e dever de educação, especifica ainda que nenhuma outra língua para além do turco deve ser ensinada como língua materna. Assim, em contraste com a riqueza religiosa, étnica e linguística da Turquia, o seu governo de nacionalismo extremo obstina-se na hegemonia da identidade turca para fortalecer o Estado-nação (López, 2019). É por isso que a criminalização dos curdos está na ordem do dia na Turquia. O código penal é muito duro em relação às tentativas de separação do território nacional, não permitindo direitos como a proteção e o desenvolvimento da cultura e da língua curdas, com o argumento de que vão contra a unidade nacional. Defender a sua língua ou a sua região torna-se um crime, e os civis são presos e acusados de traidores da pátria pelo simples facto de dizerem "isto é o Curdistão", de falarem ou cantarem em curdo. Além disso, chegam a proibir concertos com o argumento de que se deve tocar música curda (Albani, 2021).

Por outro lado, outra das táticas utilizadas pelos turcos para manter os curdos sob controlo foram as obras faraónicas que apenas beneficiaram os turcos e obrigaram a população a abandonar as terras que seriam ocupadas por reservatórios e aquedutos, como afirmou um funcionário do governo turco: "Se os curdos estiverem ocupados a trabalhar, não terão tempo para lutar" (Martorell, 2003, p. 126).

Bombardeamentos, ocupações militares, deslocações forçadas, investigações infundadas, acusações e detenções de líderes políticos, jornalistas, defensores dos direitos humanos e até assassinatos são o que a Turquia está a viver. Uma violação contínua dos direitos humanos com o objetivo de tornar invisíveis outras culturas e fazer desaparecer as suas línguas e história. No entanto, como Albani (2021) confia, continuará a haver pessoas que lutam para preservar o seu património, por exemplo, os Dengbêj que, através da sua música, mantêm as histórias vivas.

No Iraque, desde a constituição do seu sistema federal em 2005, a região curda, conhecida como Basur ou Curdistão iraquiano, ganhou um certo grau de autonomia. Foi criado o Governo Regional do Curdistão, que tem o seu próprio parlamento e gere as suas próprias relações internacionais, bem como o seu próprio Ministério da Educação. O sistema educativo do Governo Regional do Curdistão apresenta inúmeras deficiências em termos de subfinanciamento, currículos desactualizados, falta de salas de aula, falta de professores qualificados, bem como uma educação infantil de má qualidade (Ali et al., 2021). Além disso, o Iraque tem uma grande população de deslocados internos, o que resulta em escolas sobrelotadas para os deslocados internos e numa qualidade e financiamento muito baixos. Além disso, diferentes comunidades partilham estes espaços escolares, o que, se bem gerido, pode promover o respeito e a tolerância em relação a outras línguas, religiões e culturas. No entanto, como defende Shanks (2019), se não forem abordadas de forma positiva, se estas questões forem negadas ou negligenciadas, podem conduzir a uma escalada do conflito.

Uma situação particularmente grave sofrida por muitas mulheres e raparigas em países do Médio Oriente, da Ásia e de África que não pode ser ignorada é a mutilação genital feminina, que constitui

uma violação flagrante dos seus direitos. A região do Curdistão, em particular, tem vindo a fazer campanha contra esta prática desde 2007 e, embora a prevalência em algumas regiões seja ainda muito elevada, está geralmente a diminuir (Shabila, 2021). Devemos estar conscientes da importância da educação como instrumento de combate a esta prática, não só para as mulheres mas também para os homens, a fim de eliminar os preconceitos de género em que se baseia.

O artigo 4.º da Constituição iraquiana (República do Iraque, 2005) estabelece o árabe e o curdo como línguas oficiais do país, devendo ambas ser utilizadas nas instituições da Região do Curdistão. Apesar disso, a situação não é ideal, e o Sindicato dos Professores do Curdistão está preocupado com a perda de identidade que advém do facto de a língua curda ser praticamente ignorada no sistema educativo, uma vez que constitui um importante mecanismo de coesão social. Por conseguinte, apela ao seu governo para que promova a utilização do curdo como língua materna em todos os níveis de ensino, incluindo nas universidades, e chama igualmente a atenção para a importância do conhecimento e do estudo da história curda (Education International, 2023).

No Irão a população curda, tal como todas as outras minorias étnicas, vê o seu acesso à educação, à habitação e ao emprego limitado por discriminações que a levam a viver na pobreza e na marginalização (Amnistia Internacional, 2023). Tal como na Turquia, não existe um recenseamento oficial da população que avalie a distribuição étnica, embora a população curda esteja estimada em 10 milhões, ou seja, 12% do total da população iraniana (Kurdish Foundation-Paris Institute, 2017).

A única língua e escrita oficiais reconhecidas no Irão é o persa, tal como estabelecido na sua Constituição (República Islâmica do Irão, 1979) e, embora inclua algum reconhecimento da diversidade linguística, a realidade mostra uma repressão da língua curda na educação e nos meios de comunicação social, sendo o persa a única língua utilizada na educação (Amnistia Internacional, 2023). As lutas sociais e políticas em Rohjilat têm como objetivo ultrapassar esta repressão para que a língua curda possa ser utilizada nas escolas, no governo e nos meios de comunicação social.

Este território do Curdistão oriental possui importantes recursos petrolíferos, minerais e hídricos, mas estes recursos são explorados pelo governo iraniano, deixando os curdos à margem da administração destes recursos, o que os deixa numa posição económica de dependência e desvantagem face ao poder central (Férez, 2020). E embora exista uma província no Irão chamada Curdistão, esta não tem autonomia nem abrange todo o território onde vive a população curda.

É um país onde muitos direitos são negados à população, especialmente às mulheres e raparigas que sofrem grande opressão, desigualdade e discriminação. Passou um ano desde a morte de Mahsa Jina Amini às mãos da polícia da moralidade, quando foi detida por não usar corretamente o hijab. Este facto desencadeou numerosos protestos e motins no Irão e no Curdistão, onde mulheres e homens exigiram ao governo iraniano que não impusesse o hijab e muitos deixaram de usar o véu como forma de protesto. No entanto, o governo continua a endurecer as medidas, nomeadamente anunciando que as escolas não ensinarão as alunas que não usem o hijab (EFE, 2023). O uso do hijab é obrigatório

desde 1983 e deve ser usado a partir dos sete anos de idade. Quem não o usar ou não o usar corretamente incorre em detenção, multas, prisão ou chicotadas.

A situação do povo curdo na Síria no início do século era diferente da da Turquia, porque a região estava sob protetorado francês, pelo que "os exilados curdos da Turquia envolveram-se rapidamente na sociedade curda síria, tornando-se parte do tecido social, cultural e político" (Kajjo e Sinclair, 2011). No entanto, após a independência da Síria, a situação inverteu-se: a população curda sofreu deportações e repressão em resultado do nacionalismo sírio, que anulou todas as conquistas anteriores. Na década de 1960, o governo retirou a nacionalidade síria a uma parte da população curda, que passou a ser considerada estrangeira ou mesmo sem qualquer estatuto legal, sendo excluída social, cultural e politicamente. Para além disso, o governo promoveu a deslocação da população árabe para territórios onde existia uma maior população curda, proibiu a língua curda e proscreeu as suas associações e partidos, pois eram considerados pela Síria como uma ameaça ao projeto de unidade árabe (Schmidinger, 2020).

A atual Constituição síria continua a manter o árabe como única língua oficial (Syrian Arab Republic, 2012), sem ter em conta que existem outras populações no seu território, como a população curda, que em 2014 foi estimada em pouco mais de 3 milhões, quase 15% da população total do país (Kurdish Foundation-Paris Institute, 2017). Com o conflito de Rojava e a guerra civil síria, ainda em curso, o território curdo no nordeste da Síria formou a Administração Autónoma do Norte e Leste da Síria (AANES) como uma região independente, embora sem o reconhecimento do governo sírio e com forte oposição da Turquia. Desde a independência, a celebração do Ano Novo curdo, a utilização da língua curda e o estudo da língua curda tornaram-se possíveis. Pessoas como Mazhar Cheijo, de 40 anos, estão a realizar o sonho de aprender a sua língua materna (Agência AFP, 2015).

O número de pessoas deslocadas e de refugiados deslocados pelos combates e pela guerra está a aumentar em todo o mundo, e muitos deles encontram-se em campos. Um desses campos no Curdistão é o campo Martyr Rustem Cûdî em Makhmur, no norte do Iraque, que foi criado em 1998 por curdos que tinham fugido da Turquia em 1994 devido aos ataques militares turcos ao Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) e que passaram por vários campos de refugiados durante esses anos. Vivem ali cerca de 12.000 pessoas. Desde então, têm sido organizadas aulas de língua curda, na esperança de melhorar o ensino da sua língua materna. Com um total de 3.000 alunos no campo, foram criadas quatro escolas primárias, duas escolas secundárias e uma escola secundária, bem como planos para o ensino superior, segundo Bêrivan Kaya, porta-voz do Conselho de Educação. No entanto, as políticas de repressão, através de embargos, impedem-nos de dispor dos materiais necessários para realizar o seu trabalho e, além disso, de poder incluir o ensino universitário (Colemêrg, 2022).

A organização destes campos baseia-se na ideologia do confederalismo, que tem por objetivo lutar contra o consumismo e o sistema capitalista. Assim, promovem uma organização social nos campos, a fim de os transferir para uma futura sociedade livre fora dos campos, na qual a participação de todos os homens e mulheres é igual. Esta organização baseia-se num sistema de auto-governo em que todas as pessoas participam através de assembleias populares para determinar a forma de construir a sua

sociedade, baseada sobretudo na libertação das mulheres, na luta pelo ambiente e na eliminação das ideias de individualismo, consumismo e capitalismo.

No âmbito da educação, para além das escolas e institutos, criaram uma instituição em que as pessoas, independentemente da sua idade, podem ser formadas em ofícios (Parera, 2018), e em que se destaca o facto de os materiais didácticos serem criados por estas mesmas pessoas, devido ao facto de não terem qualquer apoio ou reconhecimento, sendo a única forma de preservar a sua cultura e modo de vida. Consideramos muito chocante a forma como criaram um sistema educativo num campo de refugiados, com as carências económicas e de recursos que têm, e sem o apoio dos países que os oprimiram e reprimiram.

A REVOLUÇÃO SOCIAL EM ROJAVA

Após a eclosão do conflito sírio, Rojava, uma região no nordeste da Síria com uma população maioritariamente curda, iniciou um processo de revolução social. Desde 2012, como outra saída para as opções de se posicionarem ou ao lado do regime ou na oposição, implementaram o confederalismo democrático, uma prática política autónoma baseada no comunalismo, no ambientalismo e na igualdade de género (Hernández, 2022). Além disso, a participação dos diferentes povos que fazem parte deste território é primordial, como reconhecido no Contrato Social da Federação Democrática do Norte da Síria (Rojava Azadi, 2016). Dois anos mais tarde, esta Federação passou a designar-se Administração Autónoma do Norte e Leste da Síria (AANES), composta por sete cantões, cuja autonomia não é reconhecida pela República Árabe Síria.

Após a revolução em Rojava, situada no norte da Síria, houve uma mudança na educação curda. Foi proibido ensinar na língua curda e as aulas passaram a ser ministradas na clandestinidade, algo que as mulheres curdas não estavam preparadas para fazer, e foram as primeiras a arrombar as portas das escolas para ensinar na sua língua materna, apesar da grande repressão que sofreram por parte do regime sírio, que chegou a fechar-lhes as escolas. Mais uma vez, foram as mulheres que fizeram uma verdadeira revolução num mundo dominado pelos homens e, como salienta Menal Mihemed Emîn (Curdistão Latino-Americano, 2020), foram as mães que literalmente derrubaram as portas para iniciar o ensino regional nas escolas curdas. Para além de terem de lutar contra este machismo tradicional e cultural que, como salienta Shabila (2021), mutila os seus órgãos genitais, o que constitui uma clara violação dos direitos das mulheres e das raparigas e uma profunda discriminação contra elas. É incrível como, apesar de tudo, estas mulheres encontraram forças para lutar pela educação de raparigas e rapazes que não têm culpa de terem nascido onde nasceram ou das decisões dos mais velhos.

Na educação, a revolução de Rojava significou que o sistema não exclui nenhum dos povos do norte da Síria, uma vez que as crianças curdas, árabes e outras das diferentes nacionalidades que compõem a região podem aprender nas suas diferentes línguas, sem qualquer proibição, formando uma educação multicultural e multilingue. Afastaram-se da educação nacionalista do regime sírio para apresentar uma educação em que as mulheres desempenham um papel importante, a fim de conseguir uma mudança não só educativa mas também social. Trabalham com a ideia de construir conhecimento através do

diálogo entre professores e alunos, sem necessidade de exames que apenas medem conhecimentos, onde os professores estão expostos à avaliação dos alunos, onde não existe uma relação hierárquica entre eles e onde a crítica e a autocrítica são fundamentais. É assim que se baseiam na educação que John Dewey defendia "para criar pessoas pensantes que participem eticamente como cidadãos numa comunidade democrática; e que a educação deveria assim ser uma força para a melhoria social" (Biehl, 2015, para. 18).

Por outro lado, o papel das mulheres é fundamental na educação e na mudança social que está a ocorrer no povo curdo, pois, para além de pegarem em armas em defesa do seu povo, recuperaram o poder que deveriam ter na sociedade, assumindo um papel primordial, pois são uma grande mais-valia na economia e na organização social. Como defende o líder curdo Öcalan (2012), para que haja uma verdadeira revolução, é necessário que haja a participação das mulheres e para que a revolução comece, antes de mais, é necessário que haja a libertação das mulheres para que se crie um país livre. Tal será impossível se se mantiver o capitalismo, que promove a opressão e a exploração das mulheres, e se o sexismo for "um produto ideológico do Estado-nação e do poder" (Öcalan, 2012, p. 17).

Na academia de Rimelan, os alunos são ensinados a utilizar assembleias e comunas de mulheres, assembleias de bairro, grupos mistos com 40% de representação de mulheres e grupos só de mulheres, cujo principal objetivo é a igualdade entre homens e mulheres, tornando visível o papel das mulheres na história. Promovem igualmente as ideias de utilização do poder, não como agente repressivo, mas como meio de debate e de construção, em que não existe uma hierarquia marcada entre professores e alunos, mas sim uma sala de aula aberta onde as experiências são partilhadas para enriquecimento de todos. No final da sessão, há uma plataforma onde cada membro participa e apresenta os seus pontos de vista, a fim de contribuir com possíveis melhorias para a comunidade.

Nas palavras de Dorsîn, um professor da academia:

O nosso sonho é que a participação das mulheres e o desenvolvimento da sociedade mudem os homens e que surja um novo tipo de masculinidade. Os conceitos de macho e fêmea não são biológicos, nós somos contra isso. Definimos o género como masculino, e a masculinidade em ligação com o poder e a hegemonia. É claro que acreditamos que o género é uma construção social. (Biehl, 2015, para. 26)

É impressionante como um povo sem Estado, oriundo da antiguidade, nunca conseguiu desenvolver a sua própria cultura e foi submetido aos impérios de cada época. As ideias educativas que promulgam têm como objetivo lutar contra a repressão dos Estados nacionalistas e ditatoriais opressores, bem como contra a hipocrisia dos países capitalistas que fingem defendê-los e que, na realidade, apenas procuram enriquecer roubando-lhes o petróleo e os recursos minerais.

Um povo com ideias de igualdade, anti-capitalista e que permite a participação dos cidadãos na tomada de decisões para melhorar a sua sociedade, é um povo avançado, na nossa opinião, e seria bom que

o mundo ocidental e os Estados ditatoriais tomassem nota disso. Porque, embora possa parecer que vivemos num mundo livre, estamos sujeitos aos desígnios de uma classe dominante que nos usa como quer, e onde a meritocracia, o capacitismo e o credencialismo são a base da nossa sociedade.

Os partidos políticos enchem-nos de promessas de igualdade, de liberdade e de possibilidade de subir nas classes sociais através da educação, mas nada disto acontece de facto na nossa sociedade. É por isso que temos de conhecer outras culturas e sistemas educativos que nos possam ajudar a melhorar a nossa sociedade, e não nos acharmos superiores e desvalorizarmos os outros, achando que o nosso é o melhor e que deve ser uma referência para as outras culturas.

Em suma, um sujeito é educado para ser livre, autónomo e capaz de tomar decisões em contextos que estão em constante mudança (Fernández, 2016) e é por isso que devemos avançar para uma educação inclusiva que respeite o mundo multicultural existente, a cultura de cada um dos seus povos e denuncie todas as manifestações que procuram, através da educação, regressar a passados sombrios de segregação e exclusão de indivíduos de acordo com a sua etnia ou local de origem.

CONCLUSÕES

Nas sociedades ocidentais modernas, têm surgido recentemente movimentos sociais que defendem a igualdade entre homens e mulheres em todos os aspectos da nossa vida quotidiana. O papel das mulheres nas sociedades capitalistas tem sido secundário em relação ao dos homens, algo que felizmente está a mudar, por isso seria bom que olhássemos para outras culturas, como a curda, e aprendêssemos como é fundamental que as mulheres tenham as mesmas oportunidades que os homens, e abandonássemos a ideia de que são secundárias e que existem para servir os homens. Se queremos construir uma sociedade melhor, temos de generalizar o movimento social iniciado em Rojava, e a educação que damos nas nossas escolas é fundamental para isso. Temos de dar visibilidade a outros pontos de vista, não devemos acreditar que somos superiores, porque as etapas da colonização do homem branco devem ser deixadas no passado. O futuro escreve-se na colaboração entre todas as culturas de igual modo e temos de nos afastar da crença da dominação cultural imposta pelo mundo ocidental.

Uma sociedade que promove a igualdade entre homens e mulheres, a proteção do ambiente ou uma economia baseada no apoio comunitário aos mais desfavorecidos é uma sociedade melhor. Temos de banir as políticas que apenas procuram a produtividade e o maior benefício económico, sem se preocuparem com os meios para os alcançar, abandonando à sua sorte as pessoas que não são produtivas, pois este é um tipo de sociedade que não se enquadra no nosso futuro. É necessário ensinar valores de solidariedade, respeito e tolerância nas escolas para mudar o nosso atual estado capitalista injusto, segregador e excludente. Não seria mau aprender com um povo apátrida e milenar que está a conseguir mudanças sociais, como na região de Rojava, dando às mulheres o lugar que merecem na sociedade e na qual criaram uma escola participativa que dá grande peso às opiniões dos alunos, abandonando a escola tradicional autoritária. Os diálogos e as avaliações conjuntas entre professores e alunos enriquecem a vida escolar e dão a todos os membros da escola a possibilidade

de mejorar, una vez que o objetivo é aprender e não procurar uma nota numérica que estigmatiza os alunos.

É concebível que um movimento social como o de Rojava possa servir de inspiração para um movimento mais vasto, que se dirija não só a outras regiões curdas em busca de independência, conducente a uma vida digna e justa, mas também a sociedades mais longínquas, que necessitam de grandes transformações para alcançar uma maior equidade social.

REFERÊNCIAS

- Agencia AFP. (2015, 11 de agosto). Una cultura que representa más del 10% de la población siria, renace. *El Telégrafo*. <https://www.eltelegrafo.com.ec/noticias/cultura/1/una-cultura-que-representa-mas-del-10-de-la-poblacion-siria-renace>
- Akin, S. (2014). Los derechos humanos y la educación en lengua materna en kurdo. En M. Férez (Comp.), *Estos son los kurdos: análisis de una nación* (pp. 293-306). Porrúa.
- Albani, L. (2021, 3 de diciembre). Una lengua materna prohibida. *La tinta*. <https://latinta.com.ar/2021/12/03/lengua-materna-prohibida/>
- Ali, B. J., Gardi, B., Othman, B. J., Ismael, N. B., Sorguli, S., Sabir, B. Y., Ahmed, S. A., Hamza, P. A., Aziz, A. H., y Anwar, G. (2021). Educational system: The policy of Educational system in Kurdistan Region in public Kindergarten. *International Journal of English Literature and Social Sciences*, 6(3), 62-71. https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3851328
- Amnistía Internacional. (2023, 17 abril). *Informe 2022/23 Amnistía Internacional: La situación de los derechos humanos en el mundo*. Amnistía Internacional. <https://www.amnesty.org/es/documents/pol10/5670/2023/es/>
- Aziz, T. (2023, 17 de septiembre). Cómo la división de la lengua kurda obstruye el acceso a la información. *Global Voices*. <https://es.globalvoices.org/2023/09/17/como-la-division-de-la-lengua-kurda-obstruye-el-acceso-a-la-informacion/>
- Biehl, J. (2015, 17 de febrero). Educación Revolucionaria. *Rojava Azadi Colectivo por la revolución azadisocial de Rojava*. <https://rojavaazadimadrid.org/educacion-revolucionaria/>
- Colemêrg, R. (2022, 7 de octubre). Kaya: “Nuestro sistema es un ejemplo de educación en kurdo en cuatro partes del Kurdistán. *ANF news*. <https://anfespanol.com/reportajes/kaya-nuestro-sistema-es-un-ejemplo-de-educacion-en-kurdo-en-cuatro-partes-del-kurdistan-38369>
- EFE. (2023, 3 de abril). Irán no ofrecerá servicios educativos a las estudiantes que no usen velo. *SWI Swissinfo.ch*. https://www.swissinfo.ch/spa/ir%C3%A1n-protestas_ir%C3%A1n-no-ofrecer%C3%A1-servicios-educativos-a-las-estudiantes-que-no-usen-velo/48413974

- Férez, M. (2020, 20 de enero). La resistencia kurda en Irán. *Informe Oriente Medio*. <https://orientemedio.news/la-resistencia-kurda-en-iran/>
- Férez, M. y Ala, Z. (2023). La lengua kurda: factor de unidad nacional. En S. Stephan (Comp.), *Lengua y Poder: identidad y cultura en las relaciones internacionales del Medio Oriente contemporáneo* (pp. 100-117). Poliedro Editorial de la Universidad de San Isidro.
- Fernández, E. (2016). Crítica de la razón utópica y ética del sujeto en Franz Hinkelarmert. *Revista Utopía y Praxis Latinoamericana*, 21(75), 73-81. <https://produccioncientificaluz.org/index.php/utopia/article/view/22326>
- Fundación Kurda-Instituto de París. (2017, 12 de enero). *La población kurda*. <https://www.institutkurde.org/en/info/the-kurdish-population-1232551004>
- Hernández, R. R. (2022). La apuesta ecológica del confederalismo democrático en la Federación Democrática del Norte y Este de Siria. *Ecología Política*, 63, 36-42. <http://doi.org/10.53368/EP63IVCep02>
- Internacional de la Educación. (2023, 17 de febrero). *Irak: reconocer la importancia de la enseñanza de lengua e historia kurdas*. <https://www.ei-ie.org/es/item/27269:irak-reconocer-la-importancia-de-la-ensenanza-de-lengua-e-historia-kurdas>
- Isla, J. A. (2019). La vinculación histórica de la cuestión kurda con el Orden Mundial: del Tratado de Sèvres a la Pax Americana. *Revista de Estudios Internacionales Mediterráneos*, (27), 11-23. <https://doi.org/10.15366/reim2019.27.002>
- Kajjo, S. y Sinclair, C. (2011, 31 de agosto). The Evolution of Kurdish Politics in Syria. *Middle East Research and Information Project (MERIP)*. <https://merip.org/2011/08/the-evolution-of-kurdish-politics-in-syria/>
- Kurdistán América Latina. (2020, 28 octubre). *¿Cómo comenzó la historia de la educación en kurdo en Rojava?* <https://www.kurdistanamericalatina.org/como-comenzo-la-historia-de-la-educacion-en-kurdo-en-rojava>
- Lemée, G. (2023). La cuestión kurda. *Viento sur: por una izquierda alternativa*, (188), 11-23. https://cdn.vientosur.info/Vscompletos/vs_0188.pdf
- López, V. M. (2019). La confrontación del movimiento cultural y político kurdo en Turquía y Siria: algunas dinámicas transfronterizas. *Revista de Estudios Internacionales Mediterráneos*, (27), pp. 64-83. <https://doi.org/10.15366/reim2019.27.005>
- Martorell, M. (2016). *Kurdos*. Los libros de la catarata.
- Martorell, M. (2003). Kurdistán. Entre la limpieza étnica y el genocidio. *Historia y política: Ideas, procesos y movimientos sociales*, (10), 111-140. <https://recyt.fecyt.es/index.php/Hyp/article/>

view/44762

Öcalan, A. (2012). *Confederalismo Democrático*. International Initiative Edition.

Organización de las Naciones Unidas. (1989, 20 de noviembre). *Convención sobre los Derechos del Niño*. <https://www.ohchr.org/es/instruments-mechanisms/instruments/convention-rights-child>

Organización de las Naciones Unidas. (1992, 19 de diciembre). *Declaración sobre los derechos de las personas pertenecientes a minorías nacionales o étnicas, religiosas y lingüísticas*. <https://www.ohchr.org/es/instruments-mechanisms/instruments/declaration-rights-persons-belonging-national-or-ethnic>

República Árabe Siria. (2012, 26 de febrero). *Constitución de la República Árabe Siria*. https://www.constituteproject.org/constitution/Syria_2012?lang=es

República de Irak. (2005, 15 de octubre). *Constitución de Irak*. <https://www.wipo.int/wipolex/es/text/230001>

República de Turquía. (1982, 7 de noviembre). *Constitución de la República de Turquía*. <https://www.wipo.int/wipolex/es/text/189924>

República Islámica de Irán. (1979, 3 de diciembre). *Constitución de la República Islámica de Irán*. <https://www.wipo.int/wipolex/es/text/332330>

Parera, G. (2018, 26 de septiembre). Conocemos los 20 años de autogestión, democracia directa y liberación de la mujer en Makhmur. *Rojo y Negro*. <https://rojoynegro.info/articulo/conocemos-los-20-anos-de-autogestion-democracia-directa-y-liberacion-de-la-mujer-en-makhmur/>

Rojava Azadi. (2016, 29 de diciembre). *Contrato Social de la Federación Democrática del Norte de Siria*. <https://rojavaazadimadrid.org/contrato-social-de-la-federacion-democratica-del-norte-de-siria/>

Schmidinger, T. (2020). *Guerra y revolución en el Kurdistan sirio: las voces de Rojava*. Ediciones Universidad Alberto Hurtado.

Shabila, N.P. (2021). Changes in the prevalence and trends of female mutilation in Iraqi Kurdistan Region between 2011 and 2018. *BMC Women's health*, 21, 137 <https://doi.org/10.1186/s12905-02101282-9>

Shanks, K. (2019). The politics of IDP education provision: Negotiating identity and schooling in the Kurdistan Region of Iraq. *International Migration*, 57(2), 32-47. <https://doi.org/10.1111/imig.12545>

UNESCO. (s.f.). *Día internacional de la lengua materna*. <https://es.unesco.org/commemorations/motherlanguageday/2019>